



MATA ATLÂNTICA: ANÁLISE DOS FATORES ECONÔMICOS RESPONÁVEIS PELA DEVASTAÇÃO DO PATRIMÔNIO NACIONAL E DA CRESCENTE CONSCIÊNCIA AMBIENTAL

Leonardo Wagner Gomes de Souza¹, Roberto Pereira da Silva Junior², Emerson Tenório da Silva³

¹Graduando no Curso Superior de Tecnologia em Gestão Ambiental – IFAL. e-mail: leonardo_wsouza@hotmail.com

²Graduando no Curso Superior de Tecnologia em Gestão Ambiental – IFAL. e-mail: betocbjr@hotmail.com

³Graduando no Curso Superior de Tecnologia em Gestão Ambiental – IFAL. e-mail: emersongama21@hotmail.com

Resumo: Ao longo do tempo a Mata Atlântica sofreu diversas modificações negativas, desde os caçadores-coletores nativos da Mata, passando pelos desbravadores europeus, até os Governos Federais que tratavam a Mata como fonte de renda e desenvolvimento, sem o prévio conhecimento de que a Mata Atlântica como uma floresta tropical, tem a sua destruição num status de irreversibilidade, devido as suas características de perda em termos de diversidade. O seguinte trabalho teve como fontes de pesquisa variadas literaturas que abordam o estudo da Mata em aspectos como capacidade econômica, complexidade e originalidade há décadas, visitas *in loco* em remanescentes da Mata no Estado de Alagoas, entrevistas com responsáveis técnicos em órgãos ambientais no Estado de Alagoas, pesquisas em literaturas Online em páginas de órgãos governamentais. Com a pesquisa concluída foi constatado que a devastação na Mata já passou de um estágio alarmante, que o trabalho esforçado que os órgãos governamentais e as sociedades particulares vem desenvolvendo ainda não está sendo suficiente para a reversibilidade e mitigação do quadro, que é uma tarefa árdua, pois resta apenas 7% do total de Mata existente na chegada dos europeus. Os principais responsáveis por essa destruição foram os ciclos econômicos brasileiros, a nossa industrialização desordenada, que até hoje gera enormes passivos ambientais e o principal motivo de toda devastação provocada até os dias de hoje, a nossa conhecida falta de consciência coletiva.

Palavras-chave: mata atlântica, devastação, ciclos econômicos

1. INTRODUÇÃO

A Mata Atlântica, mesmo tendo fragmentos espalhados por todo território brasileiro, deve, para sua total compreensão ser tratada como uma única região. A história de devastação da Mata pode ser considerada, com autoridade, uma grande irracionalidade do homem, pois, em uma floresta tropical como a Mata Atlântica o processo de devastação é irreversível. Quando acontece a destruição de uma floresta tropical, seu ecossistema sofre um dano incalculável em termos de diversidade, complexidade e originalidade. A diversidade arbórea da Mata é extraordinária, é possível encontrar mais de 270 espécies em um único hectare, sem mencionar a incalculável diversidade de outras espécies vegetais e animais. E essa abundância de formas de vida se dá devido a este ambiente diverso, possibilitado por períodos de oscilações de uma radiação solar intensa, altas temperaturas, e regimes de chuvas generosas e levemente sazonais. E foi devido a essas características específicas e promissoras que a Mata, desde sua descoberta, foi alvo do avanço econômico, sofrendo com a chegada dos europeus, extraindo o Pau-Brasil, logo após os “ciclos econômicos” brasileiros, caca-de-açúcar, ouro, café, entre outras atividades como agricultura e agropecuária. Foi vítima da irracionalidade governamental, que por relevante período utilizou a Mata como “vantagem corporativa”. Porém, após pressão internacional, reconheceu-a como patrimônio nacional.

Mas, mesmo com a atual difusão da ideia da conservação do ambiente natural, com todo o aparato governamental, entre políticas e medidas, ainda falta uma grande parcela de consciência coletiva, visando à construção de uma ponte Estado-sociedade na luta para salvar esse patrimônio nacional. O tema “Mata Atlântica” é fonte de pesquisas há décadas, cada pesquisa trás novas informações, e algumas antigas que necessitam sempre ser trazidas a lembrança, ou até, atualizadas. Faz-se essencial que as pesquisas sobre a Mata nunca deixem de existir, trazendo sempre a consciência o legado brasileiro e humano da preservação, fazendo-se lembrar do real uso econômico sofrido pela



Mata. O seguinte trabalho tem como objetivo geral, abordar os fatores econômicos que serviram como base para a devastação da Mata, analisando o histórico de ocupação, extração dos recursos, utilização dos recursos nos meios diversos, a escala temporal de uso e a apropriação governamental do ambiente.

2. MATERIAL E MÉTODOS

Estudo descritivo do tipo analítico, cujos métodos analisados e estudados foram, a análise de diversas literaturas que relatam os históricos de devastação, abordando prioritariamente os fatores econômicos que possibilitaram a utilização inadequada da Mata Atlântica, devido a sua complexidade e originalidade de diversidade vegetal e animal. Posteriormente foram realizadas visitas in loco em remanescentes no Estado de Alagoas observados fragmentos, a fim de analisar a situação atual da Reserva de Mata Atlântica. Seguiu-se para a etapa de entrevistas com responsáveis técnicos em órgãos ambientais e sociedades privadas no Estado de Alagoas, colhendo informações sobre regionalidades, porém, que são realidade em todo território nacional, e por fim pesquisas Online em páginas de órgãos governamentais para observar as políticas que estão sendo implementadas para a conservação do ambiente natural e os dados situacionais por parte do governo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Observando a escala temporal, os principais fatores econômicos que contribuíram para a devastação da Mata foram a extração do Pau-Brasil com a chegada dos europeus que em menos de meio século devastaram a especiaria, em seguida o início dos ciclos econômicos com a introdução da cultura da cana-de-açúcar que trouxe um passivo gigantesco em termos de áreas devastadas e prejuízo direto ao solo, o aparecimento de instrumentos de ferro, que apesar de parecer insignificante foi responsável por um aumento na retirada da vegetação de 2,5 a 5 hectare por trabalhador, dando continuidade aos ciclos econômicos, o ciclo do ouro que causou uma transformação socioambiental nefasta, pois ocasionou o aumento populacional que gerou a introdução da agricultura e pecuária causando o desgaste extremo do solo, e logo após, o ciclo do café, que foi o principal agravante da destruição da Mata, pois trouxe fatores como, crescimento demográfico, urbanização e a industrialização. A industrialização brasileira foi simultânea ao mais intenso período da destruição da Mata Atlântica, e junto com o industrialismo predatório intenso durante todo século XX, atuava exercendo forte pressão, o crescimento demográfico. Na segunda metade do século XX a política de desenvolvimento imposta ao País depois da II Guerra Mundial seria a ameaça mais lesiva ao que sobrou da Mata. A obsessão pelo crescimento econômico era à base das políticas nacionais, e tanto o governo quanto a sociedade ficaram cegos com a ideia de que o crescimento e desenvolvimento estavam ligados a irradiação da pobreza, validando todos os atos irracionais do governo, onde as palavras chave eram “concentração de renda”. A Mata foi vendida para um crescimento econômico concentrador.

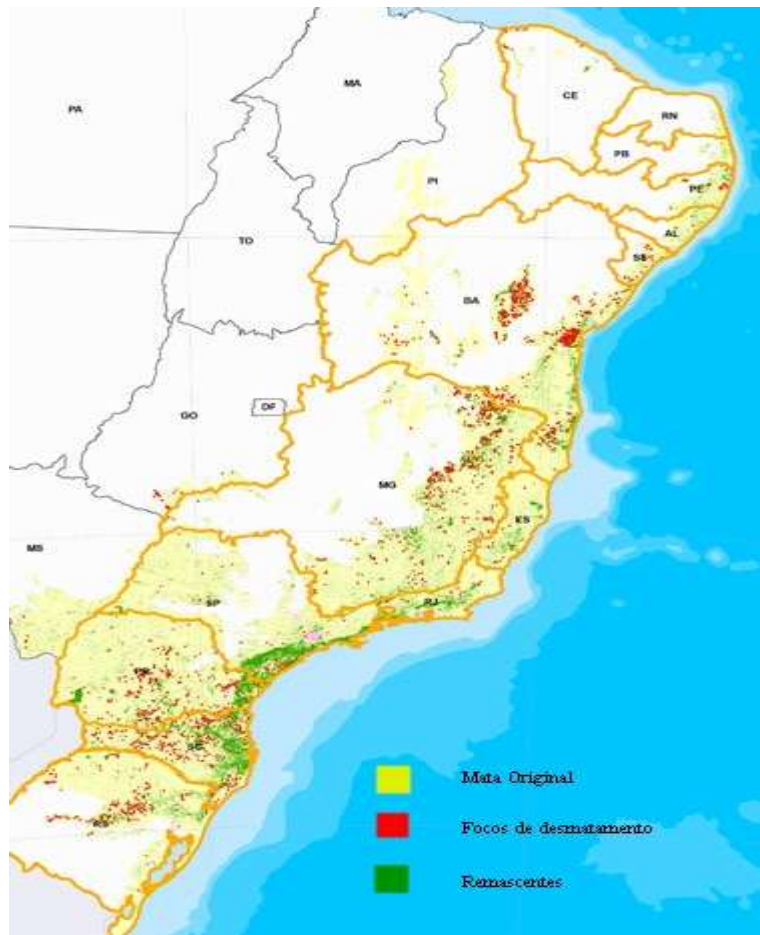
O Governo esboçou uma reação apresentando alguns instrumentos legais para evitar a devastação já percebida entre as décadas de 60 e 70, mas totalmente ineficazes, um Código Florestal ainda desrespeitado, fiscalização deficiente e órgãos ambientais subordinados as metas do desenvolvimento econômico. Enquanto isso, brotava um interesse internacional na conservação do ambiente natural, tendo como marca um dos eventos mais importantes, a Conferencia das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, em Estocolmo em 1972. O governo brasileiro se mostrou totalmente incoerente em seu ponto de vista sobre a situação ambiental vivida. O Governo brasileiro, na década de 80, reconheceu após muita pressão internacional, a real gravidade dos problemas ambientais do País, canalizando então uma parte da atenção para a Mata Atlântica, que foi reconhecida como uma das florestais mais ameaçadas do mundo. Então se difundiu o movimento ambientalista pela nação, tornando-se um movimento mais político e social, e a Mata foi reconhecida como patrimônio nacional.

É possível observar de maneira geral o status atual da Mata Atlântica e de outros ambientes naturais nacionais e formar uma linha de opinião bem esperada, de que a devastação natural já



ultrapassou um nível alarmante, a introdução social e governamental nesse momento é elevada, porém, os esforços alocados pelo Governo ainda não são suficientes para reverter, ou mitigar, um quadro de séculos de devastação desenfreada, onde o principal destruidor foi o único capaz de defendê-la, mas não o fez. Atualmente a Mata Atlântica possui apenas 7% da sua área total. O motivo principal de devastação da Mata só se colocou de maneira tão imponente por ser um fator econômico, por estar atrelado de maneira direta ao ganho de capital, o que não é diferente atualmente, mesmo estando bastante reduzido, o ganho econômico a partir da extração dos recursos naturais da Mata ainda assusta, principalmente por estarmos em um período de “preocupação ambiental” onde o governo, mesmo simploriamente, se obervarmos a urgência dos fatos, está atuando com mais dedicação.

Para entendermos o que aconteceu de fato com o nosso bioma podemos analisar a situação atual da Mata, que em 1500 cobria por volta de 15% do território nacional, e hoje ocupa cerca de 1% da extensão do nosso País, conforme vemos na figura 1, que mostra os remanescentes, e os focos de desmatamento no período entre 2008 e 2010.



Fonte: Atlas do Remanescentes Florestais da Mata Atlântica

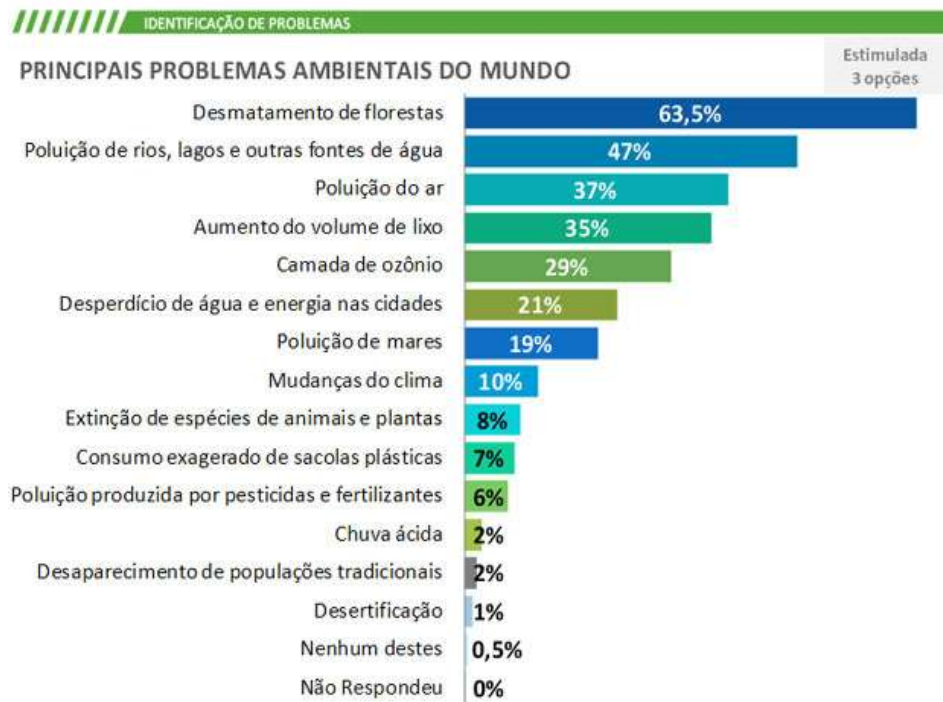
Figura 1 – Área da Mata existente em 1500, as áreas de remanescentes da Mata ainda existentes no território nacional, e os focos de desmatamento do bioma no período 2008 – 2010.

Também podemos observar, mesmo em meio a pequenas escalas, o crescimento da preocupação ambiental por parte da sociedade, que foi adquirido uma determinada quantidade de conhecimento e informação, fazendo-se notável ao órgãos governamentais. De acordo com a pesquisa divulgada pelo Ministério do Meio Ambiente, que tenta entender as principais preocupações do brasileiro com vista a descobrir se a questão ambiental é uma delas, obteve um resultado satisfatório, pois o meio ambiente veio em 6º lugar, depois de política, educação, desemprego, violência e saúde, o



que mostra que 13 % dos brasileiros se preocupam em preservar. A somatória das percentualidades extrapola 100% devido ao fato que nesta modalidade de pesquisa, o entrevistado tem a possibilidade de escolher mais de um item. Apesar de parecer pequeno o número de pessoa que citaram meio ambiente, de acordo com o Ministério, a percentagem quase triplicou desde a Eco-92, quando apenas 5% dos brasileiros se diziam preocupados com a problemática. Outro fator de interesse, é que 90% dos brasileiros entrevistados tinham em mente pelos menos uma das problemáticas ambientais que julgam importante combater. A principal problemática foi o desmatamento, seguido pela poluição dos rios e do ar. Uma minoria de 10% citou as mudanças climáticas.

Segundo a mesma pesquisa, para a população brasileira o “Desmatamento de Florestas” é a principal problemática ambiental do mundo e do Brasil na atualidade, conforme é demonstrado na figura 2. Os brasileiros consideram o desmatamento o principal problema do Brasil há 20 anos, com percentualidades que variam entre 46% a 67%. O problema sempre vem associado às queimadas



Fonte: Ministério do Meio Ambiente

Figura 2 – Principais problemas ambientais do mundo

A permanência, o recobrimento e a utilização sustentável da Mata Atlântica estão sujeitos a conexão de empenhos de diversos atores e de uma visão estratégica que permita superar os empecilhos que a transformaram em uma das mais arrasadas e ainda ameaçadas florestas do planeta. Algumas das principais estratégias para a conservação da Mata Atlântica que aplicadas de maneira mais efetiva certamente ocasionaram resultados bem esperançosos, são, o desenvolvimento de pesquisa e difusão da informação, elaboração e aperfeiçoamento da legislação ambiental, captação de recursos e ampliação das fontes e mecanismos financeiros, ordenamento territorial e zoneamento ambiental, recuperação de áreas degradadas, ações judiciais, licenciamento ambiental e incentivos à conservação.

6. CONCLUSÕES

É notória a problemática ambiental que foi desencadeada ao longo dos séculos devido aos fatores econômicos, destruição que repercutiu até hoje e tem sua resolução bastante complexa.



Sabe-se que se faz necessário um determinado esforço para salvar o que nos resta de patrimônio nacional, e uma das formas de bastante relevância é a realização de pesquisas e a difusão dos seus conhecimentos resultados. Apenas com atividades econômicas compatíveis com o equilíbrio ambiental, através da concepção ou redescoberta de procedimentos alternativos é possível o uso coerente dos recursos naturais.

Dessa maneira é correto concluir que todas as medidas para conservar, manejar e recuperar a Mata Atlântica há anos devastada, devem estar baseadas em conhecimento abrangente e interdisciplinar. Denota-se a necessidade de promoção e apoio da pesquisa, com o intuito de criar, organizar e, em seguida, fazer disponível o conhecimento e a informação.

REFERÊNCIAS

CABRAL, D.C.; CESCO, S. **Notas para uma história da exploração madeireira na mata atlântica do sul-sudeste**. UFJR. Rio de Janeiro, 2008.

INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS ESPACIAIS. **Atlas dos remanescentes florestais da mata atlântica período 2008-2010. Dados parciais dos estados avaliados até maio de 2010**. São Paulo, 2010.

LIMA, A. R.; CAPOBIANCO, J.P.R. **Mata Atlântica: avanços legais e institucionais para sua conservação**. Documentos do ISA, nº 04. São Paulo, 1997.

MENEZES, A. F.; CAVALCANTE, A. T.; AUTO, P. C. C. **A Reserva da biosfera da mata atlântica no estado de Alagoas**. São Paulo : Conselho Nacional da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica, 2004.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. **Meio ambiente: brasileiro está mais consciente**. Disponível em: < <http://www.mma.gov.br/informma/item/8386-o-que-o-brasileiro-pensa-do-meio-ambiente-e-do-consumo-sustent%C3%A1vel>> Acesso em: 10 Ago 2012.

MOURA, F.B.P. **A mata atlântica em Alagoas**. Alagoas: EDUFAL, 2006. 88 p.

OLIVEIRA, V. B. **RPPN e biodiversidade: o papel das reservas particulares na proteção da biodiversidade da Mata Atlântica**. Belo Horizonte : Conservação Internacional. São Paulo : Fundação SOS Mata Atlântica – Curitiba: The Nature Conservancy, 2010.

ROCHA, J.M. **A história brasileira nunca antes contada**. UFPR. Paraná, 2009.